

# DEUSA É UM OBJETO DA CIÊNCIA

Na novela *O Clone*, transmitida pela rede Globo, no universo das representações do mundo ocidental não aparece situações de agressões ordinárias contra a mulher. Na mesma rede Globo, no programa *Fantástico*, houve uma reportagem em que é revelado que no Brasil, a cada 15 segundos, a mulher é vítima de agressão.

A audiência da novela *O Clone*, frequentemente é alertada sobre a possibilidade da personagem Jade, que faz parte do núcleo oriental, sofrer 80 chibatadas, pena prevista dentro dos códigos culturais daquele mundo. E isso tem sido visto com certo estranhamento: que mundo é aquele em que, em pleno século XXI, a mulher pode ser chicoteada!

Fica difícil sustentar que em nosso País as mulheres não sejam alvo de violências ou ameaças. Para além disso, podemos identificar, dentro do referido núcleo de representação da mulher ocidental, uma personagem que encarna um tipo não habitual de violência. A que forma de violência Deusa está submetida?

É negra, pobre, é apaixonada por uma pessoa que encarna os estereótipos do machão. Deusa sonhava em ter um filho. Alimentada por esse sonho consegue chegar a uma clínica de reprodução humana (coisa de novela!), chefiada pelo doutor Albieri que investiga a clonagem humana.

Deusa confia na ciência e realiza a intervenção, acreditando que teria feito uma inseminação artificial. O doutor Albieri, também confia na ciência. São duas formas de confiar que não se coadunam: uma acredita e a outra conhece.

Grávida, Deusa se preparava para ver nascer Edvaldo. Sonhava em reatar sua relação com o homem amado e que fora incapaz de lhe dar um filho. Mas o doutor Albieri não havia realizado a inseminação e sim a clonagem. A gestação e o filho seriam resultado de uma experiência científica, não explicada a Deusa. E Albieri adota um comportamento, desde o período da gravidez e, principalmente, após o nascimento da criança, de extremo controle sobre aquele “experimento”. É ele quem vai inscrever a sua “verificação” na ordem da linguagem, portanto, na construção da realidade, impedindo que o rebento venha se chamar Edvaldo e sim Léo.

Albieri tem medo de que o seu feito seja descoberto. Léo precisa ser ocultado de todos e ao mesmo tempo controlado pelo cientista que precisa conhecer o clone, não apenas fazê-lo. Enquanto clone, Léo é filho da ciência e quem o criou foi Albieri.

Deusa se percebe roubada, seu sonho é transformado num pesadelo. Passa muito tempo retirada, escondida com seu filho, no interior do Maranhão, longe do acesso de Albieri. E seu filho quer aquele homem, aquele “pai” que lhe havia ofertado presentes inacessíveis a Deusa. Havia ofertado afetos combinados com confortos inesquecíveis.

Esses elementos são suficientes para que se coloque de pé uma questão: por que Deusa é a “escolhida” para viver esse drama?

Aqui somos levados a reconhecer que o mundo ocidental não é homogêneo. Recordemo-nos: Deusa é mulher, negra e pobre. Não dispõe de recursos materiais e simbólicos capazes de fazer frente à demanda

que a ela se apresenta. Na trama da novela, para que aquela situação adquirisse um mínimo indispensável de verossimilhança – para que o público não chegasse a reagir: assim já é demais! – era necessário encontrar “motivos lógicos” capazes de explicar as ocorrências e torná-las razoáveis.

A saída foi a criação de uma Deusa frágil e obcecada pela idéia de ter um filho, complementada por um cientista forte, também obcecado pela idéia de “fazer” o clone. Essa mulher frágil tem o seu corpo experimentado, tem a sua vida invadida pela “autoridade” da forte ciência, personificada em Albieri. Deusa faz lembrar, não apenas mulheres, mas homens e mulheres, prisioneiros de guerra que se tornaram cobaias de experiências científicas. Também nos faz recordar de corpos de mulheres pobres, muitas vezes crianças e adolescentes, que sonham em sair da pobreza e encontram as promessas de solução nos negócios da prostituição a elas apresentado como carreira de modelo, por exemplo.

Mas a lembrança mais perigosa e avassaladora é de que o sonho corresponde a um perigo iminente, uma possibilidade de manipulação do outro poderoso sobre eu sonhador. E quem não pode ser sujeito da realização de seu próprio sonho, por exemplo, quem não pode pagar, está sujeito a ser vítima da idealização de quem tem recursos. Estes últimos podem fazer dos sonhos: projetos, planos, realizações. Para isso podem “tercerizar” ações previamente definidas, podem mobilizar competências técnicas para a realização de seu intento.

Para que o personagem Albieri existisse na novela, seria necessária a existência de Deusa, figura que, como muitas outras mulheres, vive de modo conflituoso a relação entre sonhos e oportunidades de realização.

A questão enfatizada na novela como polêmica não se vincula ao corpo de Deusa transformado em objeto. No que se refere a ela, é incluída na tensão que diz respeito a quem tem direito a Leo. Mas Deusa foi usada, não enquanto um corpo bonito, fascinante. Foi

usada uma outra potencialidade do seu corpo: a da reprodução. E na ficção ela inaugura, para toda a humanidade, o processo de produção de seres humanos idênticos sem ter um mínimo de conhecimento sobre o que lhe ocorre. Assim, Deusa é apanhada pela ciência que a controla, no mundo da ficção. Enquanto isso, na vida real, mulheres, como Deusa apanham a cada 15 segundos e necessitam da ciência para que seu drama seja revelado e adquira a imagem de problema que exige solução.